

1831

Silvestre Pinheiro Ferreira



**Revoltas pedristas no continente e abdicação de D. Pedro**

*A grande Federação Europeia que deve unir numa só associação todas as famílias do antigo mundo. A federação dos povos livres apagará a divisão dos Estados, querida, fomentada pelos déspotas, e deste modo desaparecerão as rivalidades de raças e se consolidarão as nacionalidades tais como as querem o direito e as necessidades locais*  
(Giuseppe Mazzini, no manifesto da *Jovem Itália*).

● **Da revolta polaca à Jovem Itália** – No ano em que o czar Nicolau II jugula mais uma revolta polaca e em que Mazzini (1805-1872) lança o movimento *Jovem Itália*, nos Estados Unidos é fundado o *Democratic Party*, invocando a experiência do *Republican Democratic Party*, criado em 1792 por Thomas Jefferson e James Madison, que começou por mobilizar os adeptos do *deep South*. O czar russo, Nicolau I, que quer ser uma espécie de *gendarme* da Europa, reprime a tentativa de revolta da Polónia, iniciada em 29 de Novembro de 1830 e apenas jugulada em Setembro de 1831, gerando uma onda de protestos em toda a irmandade liberal, marcada, então, pela política externa britânica de Canning e pela propaganda maçónica de Mazzini.

● **Garrett, Ferreira Borges e Silvestre** – O nosso Almeida Garrett, por exemplo, em *Portugal na Balança da Europa*, já dizia que *a Rússia ameaça a Europa com seus milhões de baionetas. Não lhe tenhamos medo se formos livres. E o czar está certo e seguro desses milhões de baionetas? Cedo veremos que não*. No ano em que D. Pedro abdica do trono brasileiro (Abril), com José Bonifácio a ser nomeado tutor de D. Pedro II, morre José Agostinho de Macedo e Manuel Ferreira Borges publica os célebres *Princípios de Syntetologia*, em Londres, enquanto Silvestre Pinheiro Ferreira, em Paris, edita o *Projecto de Ordenações para o Reino de Portugal*.

● **A dependência** – O miguelismo tem algum brilho externo enquanto dura a conjuntura europeia que lhe é favorável, mas com a saída de Wellington do governo britânico e a Revolução de 10 de Julho de 1830 em França, a derrocada do regime torna-se inevitável. E as atitudes de repressão terrorista em que o respectivo governo se enreda, levam a imediatos protestos dos governos europeus que o poderiam favorecer. Em Julho de 1831 já a esquadra francesa do almirante Albin Roussin chega a Cascais e, depois de um ultimato, apresa

todas as forças navais de D. Miguel. No dia 1 de Junho de 1833, já desembarca no Porto, ocupado pelos pedristas, Palmela, acompanhado pelo inglês Napier, logo feito almirante, que promove a estratégia vitoriosa de desembarque dos pedristas em Cacela e derrota os restos da esquadra miguelista na batalha do cabo de São Vicente, de 3 a 5 de Julho, permitindo que Vila Flor ocupe a Lisboa miguelista, no dia 24 de Julho, sem necessidade de disparar um único tiro. E todo o processo atinge o seu termo em 22 de Abril de 1834, quando Luís Filipe de França e

Jorge IV do Reino Unido, manobrando o regente D. Pedro de Portugal e Maria Cristina de Espanha, instituem a chamada Quádrupla Aliança, com a península ibérica definitivamente integrada na esfera de influência do bloco franco-britânico da *balança da Europa*. Dois anos depois já somos pressionados para enviarmos tropas para Espanha, a fim de se combaterem os carlistas, tal como em 1847 chegam até nós tropas espanholas para defenderem o cabralismo, dizendo que eram miguelistas as forças da *Patuleia*. Em 1836, a jovem rainha, depois da morte do primeiro consorte, D. Augusto, é casada com um D. Fernando, sobrinho de Leopoldo I da Bélgica e primo do príncipe Alberto, marido da rainha Vitória. E Londres passa a influenciar-nos também através de Bruxelas. Como se há-de ver nas manobras do embaixador belga durante a *belenzada* de 1836, contra Passos Manuel e se notará na *emboscada* de Saldanha de 1846, a favor do restabelecimento dos cabrais. Portugal é, efectivamente, um *Estado exíguo*, dependente da pressão diplomática e do empréstimo externo. Porque o Estado português não sabe que para continuarmos independentes somos, muitas vezes, obrigados à gestão de efectivas dependências. Que o digam as humilhações sofridas com a questão da barca *Charles et Georges*, por parte dos franceses, e o Ultimato britânico de 1890. Ora, a ilusão de afastarmos os Braganças não nos fez recuperar a força perdida, mas, apesar de tudo, talvez tenha sido um milagre resistirmos em autonomia política, mesmo condicionada. Como ainda hoje.

● **Revolta liberal** em Lisboa em 7 de Fevereiro. No processo terá participado Alexandre Herculano.

● **Remodelação** – Em 1 de Julho: Duque do Cadaval é substituído pelo conde de Basto na chefia do governo (*ministro assistente ao despacho*).

● Em 27 de Setembro: Rio Mendonça regressa à pasta da justiça.

● O barão de **Roussin**, almirante francês, comanda as operações da esquadra francesa no Tejo contra D. Miguel. (6 de Julho). Estão presos em S. Julião da Barra dois cidadãos franceses, o pretexto para a intervenção que humilha Lisboa, principalmente quando a

nossa esquadra é apresada e levada para Toulon.

● **Papa Gregório XVI** reconhece o regime de D. Miguel (5 de Agosto). Na encíclica *Mirari vos*, onde condena o liberalismo católico, volta a incluir-se a maçonaria entre os males que afectam a cristandade.

● **Nova revolta anti-miguelista** em Lisboa, com movimentações da Infantaria 4, onde participa Alexandre Herculano (1810-1877) (21 de Agosto). Há cerca de 200 mortos nas refregas e 39 dos principais implicados serão fuzilados a 10 de Setembro, seguindo-se bárbaras repressões, degredos e desterros, onde a ala do conde de Basto marca a loucura do terrorismo de Estado, onde se aliam caceteiros de rua, beatos intelectuais e vingativos magistrados.

● **D. Pedro abdica** de Imperador do Brasil face a uma revolta dos chamados nativistas. Segue-se o domínio destes sob a liderança do regente Diogo António Feijó, um *liberal* contra quem se levantam os *conservadores* (7 de Abril). Vai para França, em Agosto, onde é protegido por Luís Filipe, que pretende casar um dos filhos com D. Maria II. Tem aí o apoio de Lafayette. Contudo, entre os exilados portugueses, há uma forte oposição ao Imperador do Brasil, encabeçada por Saldanha, com o apoio de Rodrigo Pinto Pizarro, o futuro barão de Sabrosa, e dos irmãos Passos. Saldanha é acusado de querer a união ibérica e os Passos falam até na instauração da república.

● **Enpréstimos** – Pedristas obtêm empréstimo de dois milhões de libras junto do banqueiro Ardouin, de Paris (23 de Setembro).

Marques, Oliveira (1997, III): 229; Paixão, Braga (1967): 272; Passos, Carlos de (1936): 262 ss.; Siebertz, Paul (1985): 238 ss.

● **Estar à direita e à esquerda e ser de direita ou de esquerda** – As permanentes discussões sobre as fronteiras entre a direita e a esquerda suscitam sempre o problema em qualquer sistema político pluralista, onde há sempre quem *esteja* à direita e à esquerda, por força do sufrágio popular, bem como quem *seja* de direita e de esquerda, invocando convicções, concepções do mundo e da vida, valores, princípios ou crenças. Só que, entre o ser e o estar, há sempre a tal distância que separa a teoria da prática, onde, na prática, a teoria é outra, porque é tudo teoricamente prático bem como praticamente teórico e, de *boas intenções*, acaba por ficar o próprio inferno cheio. Por exemplo, no Portugal deste regime abrista, geneticamente marcado pelos *fantasmas de direita* e pelos *complexos de esquerda*, começou por decretar-se, como axioma, que a ditadura derrubada era de direita. Talvez por isso é que, no plano das aparências, nos tornámos num país formalmente tão canhoto que os líderes políticos sempre estiveram à esquerda dos militantes dos respectivos partidos, com programas ainda mais à esquerda, mas sempre com eleitorados bem mais à direita. Desta maneira, o mais à direita dos partidos sistémicos, gerados pelo golpe de Estado, acabou por ficar *rigorosamente ao centro*, enquanto a dinâmica eleitoral levou a uma liderança da direita, a partir de um partido social-democrata, dito do centro-esquerda, ao mesmo tempo que o principal partido de esquerda, por caso o campeão do anticomunismo, se assumiu como socialista democrático. E foi só uma década depois do 25 de Abril que apareceu um líder de um dos partidos portugueses com representação parlamentar e experiência governativa, Francisco Lucas Pires, a ousar quebrar o tabu, ao dizer-se da direita democrática e liberal. O que gerou tempestade de tal monta que os antigos adeptos do centrismo fundacional do respectivo grupo logo o apodaram de fascista, enquanto o líder rival da não-esquerda, Cavaco Silva, se assumiu como social-democrata à maneira de Bernstein, em nome de uma *esquerda moderna*. Na altura, o líder do Partido Socialista, depois ter governado segundo o lema de *meter o socialismo na gaveta*, dizia-se liberal no plano da política e apenas economicamente socialista para a economia, apesar de ter sido obrigado pelo FMI a liberalizá-la, com fortes medidas de austeridade, muitos salários em atraso e apressadas privatizações.

● **Wighs, tories, conservadores, liberais e trabalhistas** – A distinção entre a direita e a esquerda talvez remonte aos primeiros partidos políticos modernos, nascidos na Grã-Bretanha, por ocasião da crise de 1680 quando começaram a distinguir-se *wighs* e *tories*. Mas, na altura, os dois grupos ainda tinham princípios diversos e lutavam por fins diferentes, coisa que vai gradualmente desaparecendo, sem que as designações se extinguissem, principalmente quando um *wigh*, Edmund Burke, tratou de fundar o conservadorismo contemporâneo, como reacção ao jacobinismo da Revolução Francesa. Emergiram então os chamados *conservatives*, donde vão surgir, por um lado, os adeptos da *tory democracy*, liderados por Benjamin Disraeli, e, por outro, os *british liberales*, inspirados pelo *ex-tory*, William Gladstone, numa dialéctica bipolarizadora que, só no século XX, se superou com o regresso da postura liberal ao seio dos conservadores e com o aparecimento dos trabalhistas, do *labour*, que, distinguindo-se dos restantes socialismos continentais congéneres, incorporaram, na respectiva doutrina, a faceta anti-absolutista do consensualismo pluralista. A direita e a esquerda na principal das matrizes da democracia pluralista têm tido sucessivas bipolarizações. Primeiro foi a dinâmica entre *tories* e *wighs*, a partir de finais do século XVII. Depois foi o confronto entre os *conservatives* e os *british liberales*, a partir do primeiro quartel do século XIX, até chegarmos ao ritmo actual, desencadeado depois da Grande Guerra de 1914-1918, com renovados *conservatives* em alternância com o *Labour*. Os *tories* começaram por ser, em 1660, os apoiantes do católico Jaime II, indo buscar o seu nome aos rebeldes irlandeses que resistiam contra o anglicanismo e que então assumiam as teses de Robert Filmer, na obra por este publicada em 1680, *Patriarcha*, onde defendia o direito divino dos reis. Os opositores recebem o nome de *wighs*, marca dada aos presbiterianos ingleses que se tinham oposto ao anglicanismo. São estes que, em 1688, se revoltam contra Jaime II, iniciando a *Glorious Revolution*, baseando-se nas teses de John Locke, sendo liderados por Guilherme de Orange, casado com Maria, a primogénita de Carlos II. Mas, depois de firmada a revolução, logo o partido *tory* passa a assentar na defesa da monarquia de direito divino e dos privilégios da igreja anglicana. Contudo, vai ser um *wigh* que funda o conservadorismo contemporâneo, o célebre Edmund Burke. Depois, Robert Peel lança as bases da respectiva vitória eleitoral de 1841, levando-os ao poder até 1846, alargando as bases de apoio do partido, até então restritas à *gentry* e à Igreja Anglicana. Com a reforma de 1867 que duplicou o eleitorado, os conservadores, inspirados por Disraeli lançam a chamada *tory democracy*, onde os conservadores se assumem como *the national party ... the really democratic party of England*. Disraeli morre em 1881 e a liderança dos conservadores é disputada até 1885 por Northcote e Salisbury, até que este, que se opusera à *tory democracy*, a conquista em 1885. Será primeiro ministro em 1885-1886, 1886-1892 e 1895-1902. Com efeito, entre 1886 e 1895, os conservadores, liderados por Salisbury, apesar de terem conseguido uma maioria parlamentar, formam uma coligação com os liberais unionistas de Chamberlain. Uma união que se formaliza em 1912 com a criação do *Conservative and Unionist Party*. O primeiro governo que assume oficialmente a designação *liberal* é o de William Gladstone entre 1868 e 1874, mas a formação de um partido de massas com esse nome apenas surge em 1877 com a criação da *National Liberal Federation*. Gladstone voltará a ser primeiro ministro em 1880-1885, em 1886 e em 1892-1894. Antes de Gladstone, que, aliás, começa como deputado *tory* em 1832, os *wighs* foram liderados por Palmerston, morto em 1865, e, depois, por Russell, morto em 1867. Gladstone, na campanha eleitoral de 1868 adopta

o lema de *justiça para a Irlanda*, obtendo 61,5% dos sufrágios. Depois de perder as eleições de 1874, deixa a liderança dos liberais. Em 1886 surge a dissidência dos unionistas liberais de Joseph Chamberlain que, mais tarde, se junta aos conservadores. Deste modo, os liberais estão fora do governo entre 1886 e 1905, à excepção do período de 1892-1895. Depois da formação de *Independent Labour Party* em 1893, liderado por Keir Hardie, que falhou estrondosamente as eleições de 1895, surge em 1900, com o apoio dos fabianos, surgidos em 1883, e do TUC um *Labour Representation Committee* que consegue eleger dois deputados em 1903. O líder Ramsay MacDonald faz, então, um acordo com os liberais (a chamada coligação *lib-lab*), aumentando a representação dos trabalhistas para 29 deputados em 1906, ano em que o partido passa a assumir-se como *Labour Party*. Depois de 1975 são dirigidos por Margaret Hilda Thatcher (n. 1925), licenciada em química por Oxford e deputada desde 1959. Vencem as eleições de Maio de 1979, assumindo um governo de feição neo-liberal.

● **O galicismo geométrico** – Mas foi o galicismo pós-revolucionário que deu origem à distinção entre a direita, que queria manter o que estava, e a esquerda, que queria avançar no sentido da Revolução, modelo dominante entre os que continuam fiéis a uma visão linear-progressista da história que levou à mentalidade de fim da história. Importa assinalar, na senda de Guglielmo Ferrero, que não houve uma, mas duas revoluções francesas. Uma, começada em 5 de Maio de 1789 e outra, em 14 de Julho do mesmo ano. A primeira inicia-se com a reunião dos Estados Gerais em Versalhes, visando uma reforma; a segunda é desencadeada com a Tomada da Bastilha, marcando a revolução verdadeiramente revolucionária, a que se segue a abolição dos direitos feudais (5 de Agosto) e a declaração dos direitos do homem (26 de Agosto). A Revolução Francesa é, pois, uma revolução dupla. É, conforme o mesmo Ferrero, *ao mesmo tempo, uma das mais audaciosas tentativas de orientação nova do poder e da sociedade, e uma das mais gigantescas, rápidas e violentas destruições da legalidade*. Contudo, *as duas revoluções misturando-se, confundem-se, combatem-se, desfiguram-se até se tomarem mutuamente incompreensíveis. Tudo acaba no grande medo provocado pela destruição total da legalidade do Antigo Regime, fazendo perder a respiração à orientação nova, e fazendo chegar o grande projecto de libertação da humanidade à criação do Estado revolucionário, e a uma segunda revolução que é a negação da primeira*. Falar na direita e na esquerda tem a ver com a primeira das revoluções, quando os que defendiam a conciliação do poder parlamentar com o poder real se sentaram no lado direito da sala e os outros, no lado esquerdo. Uma distinção que foi violentamente superada com a abolição da monarquia em 21 de Setembro de 1792, surgindo o regime da *Convention Nationale*, com um governo revolucionário comandado por um *Comité de Salut Public*. Numa primeira fase, até 2 de Junho de 1793, há uma luta entre os *Montagnards* e os *Girondins*. Entra-se no regime do Terror em Setembro de 1793. Depois destes sucumbirem, Robespierre vai eliminando sucessivamente os *Hébertistes* (24 de Março de 1794) e os *Dantonistes* (5 de Abril de 1794). Robespierre cai em 27 de Julho de 1794 (9 Thermidor). A Convenção, apesar de assentar num formal sufrágio universal, abrangendo cerca de sete milhões de eleitores, foi dominada pelos jacobinos, dado que cerca de seis milhões de eleitores se absteram. Os girondinos, à direita, tinham cerca de 160 deputados, contra 200 *Montagnards*, resultantes da união dos Jacobinos e dos *Cordelliers*. No centro havia uma maioria de 400 deputados, a *Plaine* ou o *Marais*, uma massa de hesitantes que se inclinavam ao sabor das influências dos dois extremos da sala, nas Tulherias. A ala esquerda acusou os girondinos de federalismo, insinuando que pretendiam dividir a França em pequenas repúblicas, à maneira da constituição norte-americana. Enquanto os jacobinos dominavam Paris, os girondinos eram sobretudo os representantes da província. Se os girondinos eram legalistas, já os jacobinos assumiam o primado da ideia de *salvação pública*, considerada a razão de Estado republicana. Vejamos algumas destas facções. Primeiro, os *Jacobins*, o nome dado a um clube político de 1790, que reunia os membros da extrema-esquerda da assembleia constituinte. A designação tem a ver com o sítio de reunião do mesmo, o convento de Saint Jacob (São Tiago, em português) dos dominicanos, na rua de Saint Honoré, em Paris. Assim, por ironia etimológica, o nome de *jacobinos* equivale ao de *dominicanos*, dado que estes, em Paris, eram conhecidos até então por aquele último designativo. O grupo, em oposição aos *girondinos*, que propunham a colaboração entre as classes e a descentralização, assumiu o radicalismo revolucionário que conduziu ao Terror, invocando a Razão, a Virtude e a Regeneração, visando a construção de um homem novo. Em nome de um abstracto Povo estabeleceram o centralismo democrático, procurando eliminar quer os corpos intermediários quer a autonomia das províncias. Teve a sua origem em Outubro de 1789, reunindo deputados ditos *patriotas* que constituem a *Societé des Amis de la Constitution*, alargada a advogados e ricos burgueses não parlamentares. Em 1790 já congregam cerca de 1200 pessoas, quando criam secções em quase todos os bairros de Paris e promovem a formação de cerca de 2 000 sociedades nos vários departamentos franceses. Em segundo lugar, surgem os *feuillants*, um dos clubes políticos franceses durante o período de reunião da Assembleia Legislativa, entre 1 de Outubro de 1791 a 20 de Setembro de 1792. Também são conhecidos pelos *constitucionais*, sendo, à direita, os principais opositores dos Jacobinos. Herdeiros dos constitucionais e dos monárquicos da anterior Assembleia Constituinte, defendem a aplicação estrita da Constituição de 1791. São considerados como os dissidentes de direita dos jacobinos e um dos seus mais destacados militantes é Lafayette. Apoiantes dos girondinos são suprimidos em 1792, aliando-se, depois, aos *royalistes*. Em terceiro lugar, refiram-se os *girondins*, outro dos clubes políticos da Revolução Francesa. Surgiram em 1791-1792, durante o regime da Assembleia Legislativa, destacando-se dos Jacobinos. Se dominam a Assembleia, não controlam Paris. Têm como chefes Gensonné, Guadet e Vergniaud, tendo o apoio do marquês de Condorcet. Com o regime da convenção, opõem-se ao grupo dos *Montagnards*, resultantes da fusão entre os jacobinos e os *cordelliers*. Apesar de dominarem a convenção são derrotados pelo golpe de Estado de 2 de Junho de 1793, passando à categoria de contra-revolucionários. Em quarto lugar, refiram-se os *cordelliers*,

outro do principais clubes políticos franceses, dito *Société des Droits de l'Homme et du Citoyen*. Fundado pelo advogado Danton, em torno de um programa de sufrágio universal, visou eliminar a distância entre o cidadão passivo e o cidadão activo. Ao contrário dos jacobinos, que reunia advogados e membros da grande burguesia, os *cordelliers* mobilizavam pequenos burgueses, artesãos e operários. Outros dirigentes do clube foram Camille Desmoulins, jornalista, e Marat, médico. Assumem precocemente um programa republicano, ao contrário do que aconteceu com os jacobinos. Finalmente, os *montagnards*, designação jornalística dos deputados da extrema-esquerda eleitos em Setembro de 1792, durante o regime da Convenção, e que se opunham aos girondinos. Eram apenas cem deputados num conjunto de quase oito centenas, contando-se, entre eles, Saint Just e o pintor David. A chefia do grupo pertencia a três deputados parisienses: Robespierre, Danton e Marat. Depois da eliminação dos girondinos em 2 de Junho de 1793, sobem ao poder com Robespierre, de Março a 27 de Julho de 1794.

**A visão geométrica da política** – Cabe, com efeito, à França ter caracterizado as opiniões políticas a partir da topografia da Assembleia Constituinte. De um lado a direita, dita dos aristocratas ou dos *noirs*; do outro, a esquerda dita dos *patriotes*. Não tarda que se distingam os *reacteurs* ou *reactionnaires* face aos *progressistes*; e, depois, virá o termo *conservateur* para qualificar todo e qualquer adversário do *changement*. Era a consagração da visão geométrica da política, onde todas as opiniões têm de caber num semicírculo, com largo espaço para outro semicírculo oculto, mas onde a forma santificada quase sacralizava o bem e o mal.

**Revolucionários e reaccionários** – Em 1797, Benjamin Constant, quando ainda não era liberal, na sua obra *Des Reactions Politiques*, chegou mesmo a considerar a vida política como um jogo de revoluções e de reacção, com básculas que permitiriam adaptar as instituições às realidades dinâmicas da sociedade, onde os que estavam contra a Revolução tinham que ser a favor do *ancien régime*. Todos os que pensam de forma binária, qualificam o tal *ancien régime* como regime absolutista, esquecendo que nele se desenvolvia a contradição entre modelos absolutistas propriamente ditos, marcados pelo providencialismo e pela teoria do direito divino dos reis, e modelos consensualistas, herdeiros de um certo pluralismo tradicionalista. No fundo, a tensão entre as concepções do mundo e da vida de um Bossuet e de um Fénelon. Outra das contradições fundamentais estava no confronto entre mercantilistas e fisiocratas, para não falarmos dessa suprema forma de hibridismo que foi o despotismo esclarecido, onde os *philosophes* que hão-de marcar o subsolo filosófico da revolução francesa se assumiam como os conselheiros dos déspotas. A partir de então, o conceito alarga-se a todos regimes derrubados por revoluções, falando-se até nos antigos regimes como a *velha senhora*. Mas os sucessivos Estados Novos não são necessariamente filhos da revolução, dado que também os contra-revolucionários passaram a fazer revoluções ao contrário, qualificando os anteriores regimes como *repúblicas velhas* e os partidários do regresso ao progressismo como *revirahistas*. Reaccionário vem do latim *reactio*, acção para trás, ou acção em sentido oposto. A ideia nasceu no século XIX, qualificando os defensores do *ancien régime* que queriam fazer reverter a revolução ou as reformas. Passaram a qualificar-se como forças da reacção ou reaccionários os membros da igreja, da aristocracia ou das instituições do regime derrubado. Reaccionário é, pois, aquele que resiste ao progresso, querendo voltar atrás, à maneira antiga de fazer as coisas. Na linguagem actual, reaccionário é aquele que, segundo a esquerda, se opõe às mudanças revolucionárias ou reformistas. Não se admitia, por exemplo, uma posição conservadora como a de Burke, onde as críticas à revolução Francesa eram uma defesa de outra revolução, a inglesa. Não se reparava na existência de duas Revoluções Francesas. A primeira, nascida com a reunião da Assembleia Constituinte, em 5 de Maio. A segunda, com a Tomada da Bastilha, de 14 de Julho. O que começou por ser uma disputa entre jacobinos e moderados passou a outros binários, como o confronto entre revolucionários e contra-revolucionários e, depois, à dialéctica entre progressistas e reaccionários.

**A way of thinking anglo-americana** – Também alguma nova esquerda, de matriz norte-americana, voltou a dividir o mundo das ideias através de um aparelho conceitual que decreta a distinção entre os sociais-democratas, à esquerda, e os neoliberais, à direita, mantendo os complexos iluministas e construtivistas, um interessante dogmatismo que, embora seja capaz de explicar causalmente o que se passa em certos lugares do nosso tempo, não tem dimensão universal, porque tais categorias talvez não se apliquem a três quartos do mundo. A direita e a esquerda são meras posições relativas que só podem existir numa sociedade pluralista e democrática e, por que dependentes de um certo tempo e de um certo espaço, os respectivos padrões são quase tão variáveis quanto tais circunstâncias. A esquerda e a direita, mais do que pretensas posições geométricas, são posições políticas que surgem na dialéctica que se estabelece entre os princípios e a realidade. Não são ideologismos abstractos nem macro-teorias para deleite escolástico. Têm de ser fecundadas pela realidade e não podem ser meros conceitos estáticos. Daí que antigas esquerdas passem a direitas e que antigas direitas se virem para a esquerda. Assim, os partidos da burguesia liberal que foram da esquerda transformaram-se depois em direita. Do mesmo modo, o comunismo ortodoxamente marxista-leninista que na Europa Ocidental, era a esquerda, transformou-se, no contexto daquilo que foi a URSS na direita instalada. Porque a direita e a esquerda são partes de um todo, diferentes perspectivas que se confrontam numa determinada sociedade, nunca nenhum regime autoritário, ditatorial ou totalitário se proclamou como de direita ou de esquerda. Pelo contrário, as degenerescências políticas antidemocráticas e antipluralistas são tendencialmente unânimes e, em geral, proclamam que as divisões entre a direita e a esquerda estão ultrapassadas. Se o estar à direita, ou à esquerda, é sempre relativo a um certo espaço e a um certo tempo, já o ser de direita, ou de esquerda, aponta para o plano das crenças e dos princípios, ultrapassando, portanto, o mero circunstancialismo topográfico dos hemiciclos parlamentares e dos seus mimetismos sociológicos.

Basta pensarmos no liberalismo burguesmente capitalista do século XIX que, de uma posição de esquerda revolucionária, evoluiu para uma situação de direita, enquanto certos tradicionalismos pré-capitalistas até passaram para a esquerda socialista. Neste sentido, quem está à direita pode não ser de direita e quem é de esquerda pode não estar à esquerda. Porque há muitas direitas e muitas esquerdas e, felizmente, tende a haver cada vez mais direitas e cada vez mais esquerdas. Conforme observação que me fez, por *mail*, o professor brasileiro Humberto César de Castro Carvalho, "o verbo estar (do latim *stare*, apontando para a ideia estática de imobilidade) indica uma condição de momento, de conjuntura, portanto do aqui e do agora, enquanto o verbo ser (do latim *essere*) indica um ideia permanente, de estrutura. Em política, estar significa a conveniência de neste momento histórico posicionar-se à direita ou à esquerda, enquanto ser direita ou esquerda liga-se às convicções. Devemos nos valer desta precisidade semântica, da qual desfrutam dentre as línguas indo-europeias apenas português e o espanhol. Nos demais idiomas, inclusive nos demais neolatinos, como o francês, o italiano, o sardo, romeno, provençal e o catalão, o ser ou o estar são deduzidos do contexto, o qual nem sempre está claro o bastante para que percebamos-lhe a diferença. Dada a volatilidade do poder, ninguém é ministro, apenas se está ministro".

#### ☞ Da esquerda

##### Moderados Tradicionalistas

- Pretendem conciliar o tradicionalismo com o cartismo, como Francisco Trigo Aragão Morato e Frei Francisco São Luís. Misturam os adeptos do consensualismo de 1820 com os joaninos que dão corpo ao chamado Partido da Bemposta.
- Os miguelistas, a partir de 1828, insultam os pedristas como *malhados*, invocando para si as categorias de *legitimistas* e *realistas*. Depois de 1834, os pedristas chamam aos adversários de esquerda *exaltados*, enquanto estes, gostam de ver-se como *patriotas*, insultando os primeiros como *chamorros* e *devoristas*. Consolida-se assim um profundo divórcio entre o *país das realidades* e aquele grupo dominante no *país intelectual* que criou o nominalismo proveniente do poder supremo.
- A profunda tradição libertacionista, da *arraia miúda* de 1383-1385, do sebastianismo dos *manuelinhos de Évora* e da tradição reinventada das Cortes de Lamego, que sustenta o *Primeiro de Dezembro*, acaba por ser usurpada pelas facções da direita e da esquerda que se instalam no centro político.
- À esquerda, as facções jacobinas chegam a pedir a Junot um rei da família de Napoleão. À direita, o *congreganismo* dito *apostólico*, sucumbe perante o encanto madrileno da *Santa Aliança*.
- O nacionalismo populista ficou sem causa e sem liderança e fomos arrastados para o desespero de guerras civis armadas e para posteriores pazés, onde os vencedores fizeram orgias de confiscos e vindictas, enquanto continuam as *guerras civis ideológicas*.

##### Moderados liberais

- Apoiam Lavradio e Sobral, como Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque, Mouzinho da Silveira, Filipe Ferreira Araújo e Castro e o conde de Vila Real.
- São apoiados por Palmela, bem como pelos aristocratas e grandes do reino, satisfeitos com a Carta.

##### Exaltados

- Representados no governo por Saldanha. Comandam a máquina do ministério da guerra, com Cândido José Xavier, Pinto Pizarro, José Liberato Freire de Carvalho e Abrantes de Castro.
- Mobilizam quase todos os antigos jacobinos, provenientes do vintismo

#### ☛ Para a direita ☞

##### Apostólicos moderados

- A facção moderada dos miguelistas é adepta do tradicionalismo consensualista e favorável às ligações com a Inglaterra, onde, à frente de um governo *tory*, está o próprio Wellington, sendo representada por Cadaval, Barbosa de Magalhães, Frei Francisco Alexandre Lobo e pelo Visconde de Santarém.
- A partir deste grupo é possível o lançamento de pontes com a linha conservadora dos cartistas, nomeadamente através de Palmela. Até há mais proximidades entre certas parcelas daquilo que hão-se as barricadas da guerra civil, do que, dentro das famílias de cada uma delas.
- Tendem a aceitar as regras do jogo da Carta. Desse núcleo hão-de surgir muitos futuros miguelistas, então desejosos que o Infante regresse ao país, mas em conciliação com o Imperador D. Pedro.

##### Apostólicos rainhistas

- Instalados no interior. São manobrados por D. Carlota Joaquina e por Leite de Barros.
- Fortemente apoiados pelos principais membros do clero. Ferozmente anti-maçónicos

##### Apostólicos do exterior

- Grupo rebelde que prefere a acção directa e chega mesmo a invadir Portugal a partir de Espanha, onde se destacam o marquês de Chaves (Amarante), Magessi e Teles Jordão.